

Mais forte que caboclo d'água: O desafio da velha reportagem na visão de um novo jornalista¹

Lucas LÉLIS²

Rafiza VARÃO³

Universidade Católica de Brasília - UCB

Resumo

A reportagem objeto deste *paper* aborda as carrancas que eram posicionadas nas proas dos barcos que navegavam pelo rio São Francisco na região de Pirapora – MG, bem como personagens que fizeram parte da história do final do ciclo das grandes navegações no Velho Chico. A reportagem “Mais forte que caboclo d'água” foi produzida entre fevereiro e junho do ano de 2015 na disciplina laboratorial optativa Produção e Edição de Revistas, na Universidade Católica de Brasília. Apresentamos aqui as etapas de pré-produção, apuração, produção e edição da referida reportagem.

Palavras-chave: carrancas grande reportagem; jornalismo literário; jornalismo de revista; revista-laboratório.

1 INTRODUÇÃO

A reportagem “Mais forte que caboclo d'água” foi produzida entre fevereiro e junho de 2015 na disciplina de Produção e Edição de Revistas na Universidade Católica de Brasília. Sete páginas foram disponibilizadas para a matéria que foi a capa da terceira edição da revista Jenipapo. Além do texto, foram utilizadas fotografias registradas pelo autor da reportagem. Na última página da matéria foi feito um box com uma informação extra sobre uma ponte Marechal Hermes, que é o grande marco do fluxo migratório do Nordeste para o Sudeste do Brasil. Por essa ponte trafegava uma linha férrea que levava os viajantes que chegavam de barco a cidade de Pirapora até para capitais como São Paulo e Belo Horizonte.

Carranca pode ser definida como uma cara feia, emburrada, indicando mau humor. Neste *paper* vamos falar especificamente das carrancas que ficavam nas proas das

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO13 Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série).

² Aluno líder e estudante do 7º. Semestre do Curso de jornalismo, email: lucas.lelis@catolica.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, e-mail: rafiza@gmail.com

embarcações que navegavam no rio São Francisco e da reportagem “Mais forte que caboclo d’água”. As carrancas de Pirapora – MG são um capítulo importante da história das migrações internas do Brasil. Esses artefatos que eram fixos nas proas dos barcos ofereciam uma proteção mística a embarcação, como se acreditava em séculos passados.

Carranca é uma peça de madeira que tem o formato esculpido por um carranqueiro, nela estão inseridas as formas humana e animal, uma mistura como um focinho de cachorro com o olhar de um homem e uma crina de cavalo por exemplo.

O produto apresentado traz como personagem a carranqueira Lurdes Barroso, as carrancas fizeram parte da maior reviravolta que ela passou na vida, foi com as peças de madeira que Lourdes garante o sustento da família até hoje.

A reportagem foi construída com base nos preceitos do jornalismo interpretativo e do jornalismo literário, embora tenha se optado por realizar um jornalismo literário mais suave, não tão carregado em tintas da literatice, mas que trouxesse toda a poesia e realidade atrelada à produção de carrancas às margens do rio São Francisco.

2 OBJETIVO

Este trabalho busca apresentar a reportagem da capa da terceira edição da revista-laboratório do curso de Comunicação Social-Jornalismo e Comunicação Social-Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Brasília, chamada **Jenipapo**. Todo o processo de elaboração do produto final foi baseado nas técnicas de produção jornalística adquiridas pelo autor ao longo da formação acadêmica, bem como na angulação da pauta oferecida pela disciplina Produção e Edição de Revistas.

No produto é apresentado um breve histórico das carrancas na cidade de Pirapora – MG, e traz, atendendo a um padrão jornalístico, a abordagem de fontes oficiais e personagens para a validação do conteúdo abordado.

A reportagem conta a história das carrancas. A ideia inicial foi apresentar a realidade de uma ou mais personagens que ainda confeccionem esse material e relacionar as peças de madeira ao Velho Chico. Durante a produção foi encontrada a personagem, Lourdes Barroso, que tem uma trajetória de vida muito forte que se mistura com a história do barco a vapor

Benjamim Guimarães, que participou das grandes navegações do São Francisco, e isso tudo acaba esbarrando com as carrancas do Velho Chico. Essa fonte se tornou central na história a ser contada, e seus caminhos se entrelaçam ao rio e às carrancas.

3 JUSTIFICATIVA

A reportagem “Mais forte que caboclo d’água” se propõe a apresentar uma reportagem única e pouco comum nas publicações comerciais no país. É mostrado no produto um tema que esquecido e pouco abordado pelo jornalismo. O que se pretendeu foi resgatar um item que faz parte da história da navegação no Brasil, com a utilização de personagens, fonte oficial, dados e fotografia.

Neste trabalho, a preocupação não foi apenas técnica e jornalística, mas também apontar um lado humano na construção da reportagem, envolvendo personagens, um rio, duas cidades e uma ligação do autor com o tema principal, as carrancas. Ligação que vem desde a infância, o tio do autor sempre confeccionou carrancas e durante as férias que ia passar na casa da família em Carinhanha – BA, sempre se assustava com as peças de madeira sem compreender o real significado daquilo.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Para a elaboração do produto foram utilizados vários métodos e técnicas, partindo de princípios jornalísticos foi feita a elaboração da pauta, com a apresentação e objetivo do que seria o produto final.

O passo seguinte foi a produção do conteúdo e pesquisa aprofundada sobre o assunto. A partir daí, foi estabelecido um contato telefônico e eletrônico (e-mail) com a prefeitura de Pirapora, de onde foram sendo indicados os nomes que estão na reportagem. A partir deste contato foi possível a entrevista com o Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, Adélio Brasil, com uma das mais antigas carranqueiras da localidade, Lourdes Barroso, e a autorização para adentrar um barco histórico que estava com as visitas suspensas por motivos de segurança na época.

A etapa em que o repórter mais sofreu com o desgaste físico, emocional e financeiro foi a da viagem a Pirapora – MG para a realização de entrevistas. Quando foi? Pode colocar a data? A agenda de dois dias para a pesquisa de campo da reportagem foi intensa, compromissos agendados em horários muito próximos entre si, já que o tempo disponível para o trabalho foi de um fim de semana.

As imagens apresentadas junto a reportagem e a revista também foram feitas pelo repórter com utilizando uma câmera Canon EOS Rebel T3i e lente DSLR 18-200mm, de propriedade da Universidade Católica de Brasília, alternando entre as configurações manual e automática sem flash. Em modo manual foram manipulados o ISO, velocidade do obturador e abertura do diafragma em harmonia e a necessidade da iluminação natural do local onde se fotografou. Por se tratar de uma impressão em tamanho padrão de revista, as fotografias utilizaram apenas o formato JPG, e posteriormente foram manipuladas em computador a fim de se chegar ao corte e tamanho necessários para o produto final⁴.

Como o tema que a reportagem “Mais forte que caboclo d’água” trata de um assunto que envolve mitologia, história e a vida de uma personagem foi indicado pela professora responsável, a doutora em Comunicação Rafiza Varão, que o texto deveria seguir pela linguagem do jornalismo literário.

A jornalista Angélica Fabiane Weise, ressalta em um texto publicado pelo Observatório da Imprensa a abrangência e a responsabilidade do jornalismo literário, que, segundo ela chega a ultrapassar os limites da informação.

[...] fica evidente que o jornalismo literário é fonte inesgotável de informação, trazendo consigo, na maioria dos casos, a versão mais completa do que se considera notícia. O ganho ao leitor não fica reduzido apenas ao conteúdo básico de matérias. Recebe ele também uma carga generosa de elementos para uso intelectual, emocional ou mesmo cognitiva, já que a humanização presente neste gênero pode ser um poderoso instrumento de incremento da capacidade de empatia, sabidamente a característica fundamental da inteligência emocional. (WEISE,2013)⁵

⁴ O formato das fotos na revista segue o padrão TIFF/CMYK.

⁵ Extraído do texto “Para compreender o jornalismo literário”. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 12 abr. 2016.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto apresentado neste *paper* foi produzido na disciplina optativa Produção e Edição de Revistas, ministrado para os cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda no primeiro semestre de 2015. A disciplina consiste em passar aos alunos a experiência do funcionamento de toda a logística de uma revista, desde a elaboração dos projetos editorial e gráfico até a distribuição do produto final.

Nas primeiras aulas, os alunos já foram orientados a iniciarem a pesquisa de temas para apresentação durante a reunião de pauta da revista **Jenipapo**. O tema para esta reportagem surgiu de uma lembrança de infância, onde via meu tio esculpir carrancas. Nunca soube para o que servia aquilo e até tinha medo de algumas. Até que um dia, antes da reunião de pauta da revista, me lembrei de alguns desses momentos. A partir daí, fiz uma rápida pesquisa sobre o tema, juntei todo o material coletado, escrevi uma pauta simples e apresentei para a professora responsável pela disciplina, que a aprovou sem ressalvas. O tema era raro e a abordagem poderia render uma grande história.

O maior divisor de águas da reportagem surgiu de um questionamento da professora Fernanda Vasques, também da UCB, mas coordenadora do jornal-laboratório **Artefato**. Segundo ela, a reportagem ganharia mais histórias e mais fôlego se eu fosse até a cidade de Pirapora – MG, local onde há vários artesãos que trabalham com carrancas. Pirapora também é uma cidade que diversas embarcações que navegavam no rio São Francisco tinham como destino no último século. Aceitei o desafio e iniciei o processo de apuração e produção da pauta.

De início, busquei referências em outras reportagens para fugir do padrão de outras matérias realizadas sobre o mesmo tema. O passo seguinte foi entrar em contato com a prefeitura de Pirapora, dentre vários telefonemas, ramais e espera nas ligações cheguei a até a turismóloga da cidade, Ana Angélica da Cunha, que cordialmente me enviou vários contatos de autoridades locais e de possíveis personagens para a reportagem.

Entrei em contato com todos os contatos fornecidos por Ana Angélica, realizei uma pré-entrevista por telefone, organizei todas as informações e efetuei a marcação das três entrevistas que estão na reportagem. Na sexta-feira seguinte, segui viagem rumo a Pirapora, sozinho e de ônibus. Chegando à cidade, logo me remeti às lembranças de infância. Por falta de verba por parte da Universidade, tive que bancar todo o custo de produção da reportagem,

então o hotel em que me hospedei não foi dos melhores, mas para apenas uma noite não haveria problemas em ficar ali.

Foram dois dias de muita correria, desembarquei em Pirapora as 5h30 e às 8h já deveria estar no local da primeira marcação, a casa do Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural de Pirapora, Adélio Brasil, que contou todo o histórico da cidade, dos grandes barcos que por ali navegavam, e das mitologias que apavoravam a população do local e é aí onde as carrancas entraram - pois, segundo a tradição, as carrancas espantavam os maus espíritos que os barraqueiros⁶ tanto temiam.

A segunda marcação do dia era na casa da personagem principal da reportagem, a artesã Lourdes Barroso, que contou toda a trajetória de vida e sobre como escapou de ser presa durante a ditadura militar e como isso acarretou no início da vida de carranqueira.

No dia seguinte, conheci a embarcação onde Lourdes viveu durante alguns anos, o vapor Benjamim Guimarães, que está ancorado na cidade de Pirapora e atualmente realiza apenas passeios pela orla da cidade. Fui recebido pelo comandante da embarcação, Jason Batista Ferreira, que apresentou todo o barco e lamentou o fato da seca que atingia o rio na época em que a reportagem foi produzida impedir o barco de realizar os tradicionais passeios para os turistas da região.

Em Pirapora existe uma ponte que foi construída no início do século XX para o transporte ferroviário. Esse local é um marco da migração de muitos nordestinos que buscavam uma vida melhor no sudeste do país. A ferrovia que começava ali tinha como destino as cidades de Belo Horizonte – MG e São Paulo – SP. Ali era a metade da viagem para esses nordestinos que já tinham viajado por vários dias no vapor Benjamim Guimarães com destino a esperança de prosperidade.

Com base em toda a história apurada no local ficou evidente que o texto não poderia seguir o padrão que aprendi nas disciplinas laboratoriais da Universidade, com o apoio da professora e editora-chefe da revista **Jenipapo**, Dr^a Rafiza Varão, optamos pelo gênero de jornalismo literário.

⁶ Pessoas que habitam áreas próximas às margens dos rios.

O Jornalista Matinas Suzuki Jr, no posfácio do livro “Hiroshima”, de John Hersey, ressalta o que o texto precisa para ser considerado do gênero literário.

Os especialistas exigem alguns requisitos para que uma obra possa ser classificada como jornalismo literário. Ela deve ser publicada em um jornal ou revista (a partir dos anos 80, com a diminuição crescente do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver). Ela precisa estar ancorada em fatos. Sua matéria-prima é o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados (Matinas Suzuki Jr, 2002, p.114)

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho é resultado do esforço conjunto entre aluno e professora, utilizando dos princípios das técnicas jornalísticas e literárias. Em um espaço de experimentação o primeiro contato com o jornalismo impresso de alto aproveitamento e satisfação. O trabalho envolveu muito aprendizado e muitas correções.

O trabalho de um repórter nunca é fácil, encarar esse primeiro desafio, envolvendo uma viagem cheia de responsabilidades, cumprindo prazos apertados e pré-determinados proporcionou um crescimento pessoal e profissional inimaginável para um estudante de 5º semestre do curso de Jornalismo.

Poder conhecer lugares, ouvir histórias tanto reais quanto mitológicas e conseguir realizar uma reportagem mesclando a literatura com informação, algo que começou com uma lembrança de infância, onde mal sabia que as carrancas que eram esculpidas ali, na minha frente, tinham uma história tão rica tanto nos quesitos históricos quanto na cultura de um país como o Brasil.

Em entrevista para o site “Os Melhores Passatempos” o jornalista luso americano Pedro Mendonça Pinto esclarece que ser jornalista não é simplesmente ter uma boa aparência e ser âncora de telejornal. Para ele,

Ser um bom jornalista é ser sobretudo ser curioso e procurar a verdade que está para além da aparência mais imediata. Isso exige determinação, exige teimosia, mas sobretudo exige curiosidade e se não se tem curiosidade sobre o mundo que nos rodeia, se não se tem curiosidade pelos acontecimentos que vão moldando o mundo, vão moldando a nossa sociedade e vão moldando o nosso comportamento. (PINTO, 2013)

A reportagem “Mais forte que Caboclo d’água” foi escrita com a intenção de que o leitor da revista **Jenipapo** se sentisse confortável e envolvido com o texto, as fotos foram criteriosamente selecionadas e editadas para que o lado visual da matéria saltasse aos olhos do leitor. Foi um esforço que deu certo, a terceira edição da revista foi muito procurada pelos estudantes de toda a Universidade, esgotando todos os exemplares disponíveis para distribuição em poucas semanas.

A resposta positiva dos leitores mostra que o objetivo proposto no início do processo com a apresentação da pauta foi alcançado, mas isso não significa que o aluno está pronto e com o melhor texto para o mercado. É apenas um sinal de um bom começo, que ainda pode e vai melhorar gradativamente.

Referências

Hersey, John, 1914- *Hiroshima* / John Hersey; tradução Hildegard Feist. — São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

PINTO, Pedro Mendonça. “FAZER JORNALISMO NÃO É APRESENTAR JORNAIS”. Entrevistadora: Bruna Pereira, 2013. Entrevista concedida ao site Os Melhores Passatempos. Disponível em: <<http://www.maiseducativa.com/2012/03/06/fazer-jornalismo-nao-e-apresentar-jornais/>> Acesso em: 12 abr. 2016.

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SUZUKI JR., Matinas. “Posfácio”. In John Hersey. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.